

A INFLUÊNCIA DO CONVÍVIO UNIVERSITÁRIO NA ADESÃO AO ALCOOLISMO

Cleiciane Vieira de Lima Barros. Enfermeira, professora das Faculdades Alfredo Nascier UNIFAN cleicianelima@gmail.com

David Antônio Costa Barros. Enfermeiro, Mestre em Medicina Tropical, Professor e coordenador do curso de enfermagem das Faculdades Alfredo Nascier UNIFAN profdavi@gmail.com

Milton J. C. Bernardes. Enfermeiro, Mestrando em Ciências Farmacêuticas, Especialista em Farmacologia Clínica pelas Faculdades Oswaldo Cruz e professor do Colégio Sena Aires. milton.bernardes@gmail.com

Warley Vieira de Lima. Acadêmico do Curso de Graduação em Farmácia nas Faculdades Alfredo Nascier – UNIFAN warleylima@hotmail.com

Ludimila Cristina Souza Silva. Enfermeira, professora das Faculdades Alfredo Nascier UNIFAN enfermeiraludimilacristina@bol.com.br

RESUMO: Introdução - O alcoolismo é definido como consumo compulsivo de bebidas alcoólicas, cuja compulsão afeta sua saúde física e mental e é uma doença causada por fatores biológicos, patológicos, psicológicos, sociais e existenciais. Em estudantes, o álcool é geralmente a droga mais utilizada, com prevalência significativa; os jovens apresentam dependência de álcool mais grave, parecem ser bebedores mais pesados e sofrem diversos problemas consequentes ao abuso alcoólico. O presente artigo propôs descobrir a relação entre o uso do álcool e o ingresso universitário dentro da problemática do alcoolismo. Método - A amostra compreendeu 200 alunos do curso de graduação em enfermagem da Universidade Salgado de Oliveira, na cidade de Goiânia, os quais responderam a questionário anônimo e de auto-preenchimento em 2008. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa descritiva. Resultados - 29% dos entrevistados tinham o hábito de beber antes do ingresso na universidade, hoje 53% ingerem a bebida, 59% possuem colegas que bebem, 11% sentem falta da bebida, 2% apresenta sintomas de abstinência, 36% aumentou o consumo após ingressar na universidade e 19% admitiram faltar aulas para frequentar bares próximos à instituição. Discussão - Em relação aos dados sobre a quantidade e frequência de doses ingeridas, pode-se observar o quão alarmante são os números encontrados, visto que mais da metade (53%) dos entrevistados têm o hábito de beber toda semana. Conclusão - Estratégias

de prevenção e informação relacionadas ao uso e abuso de álcool devem ser estabelecidas, pois boa parte desses jovens, em um futuro próximo, terá acesso a medicamentos ou desempenharão papel educacional de formação ou “má-formação” importante dentro da população estudantil e geral.

Palavras chave: Alcoolismo. Universitários. Abuso de drogas.

THE INFLUENCE OF ACCESSION TO THE UNIVERSITY CONVIVIALITY ALCOHOLISM.

ABSTRACT: Alcoholism is defined as compulsive use of alcoholic beverages. The compulsion affects the physical and mental health and it is a disease caused by biological, pathological, psychological, social and existential factors. Alcohol is, generally, the most commonly used drug by students and presents significant prevalence. The youths have more severe alcohol dependence, they seem to be quite beer drinker addicted, and suffer a range of problems caused by alcohol abuse. This article aims at uncovering the relationship between alcohol use and the student's entry the university, concerning the alcoholism problem...
Methods - The sample included 200 undergraduate students of Nursing at the University Salgado de Oliveira in the city of Goiania. They completed an anonymous questionnaire and self-fulfilling in 2008. This is a qualitative / quantitative descriptive research. Results - 29% of respondents had the habit of drinking before entering college. Today 53% are beer drinkers. 59% have colleagues who drink, 11% feel the lack of the drink, 2% have symptoms, 36% increased consumption after getting to the university and 19% admitted to miss classes in order to go to bars near the institution. Conclusion - Strategies for prevention and information related to the use and abuse of alcohol should be established, because most of these young people, in the near future, will have access to medicine, or will have a relevant Educational formation role or "malformation" within the student population and general.

Key-words: Alcoholism. University students. Drug abuse.

A INFLUÊNCIA DO CONVÍVIO UNIVERSITÁRIO NA ADESÃO AO ALCOOLISMO

Introdução

FISHMAN (1988) destaca que o alcoolismo é definido como consumo compulsivo de bebidas alcoólicas, constituindo uma patologia crônica, tanto comportamental

quanto fisiológica. A compulsão, característica dos dependentes pelo álcool, é anormal, afetando sua saúde física e mental e é uma doença causada por fatores biológicos, patológicos, psicológicos, sociais e existenciais.

O álcool tem efeito depressor; este efeito funciona por um mecanismo dose-dependente. Seu efeito depressor atua principalmente sobre o córtex, bloqueando assim sua ação integradora, levando a um pensamento confuso e desorganizado, além de prejudicar o controle motor. Seu princípio ativo, o etanol, afeta vários neurotransmissores, dentre eles o neurotransmissor inibitório GABA (Ácido gama-aminobutírico), potencializando suas ações. Sendo assim, o etanol tem como efeito eletrofisiológico predominante a redução da neurotransmissão (SILVA e AMARAL, 1999).

O álcool causa dependência, sendo que a etiologia e as consequências da Síndrome da Dependência Alcoólica (DA) vêm sendo muito estudadas há algumas décadas. São notórios os problemas de ordem biopsicossocial decorrentes do abuso e/ou dependência alcoólica, que afetam tanto o próprio usuário quanto seus familiares. São eles: sofrimento e complicações físicas e mentais, desemprego, violência e criminalidade, mortalidade, morbidade, entre outros. Todos estes problemas acarretam, significativamente, um elevado custo econômico para a sociedade (MORAES *et al*, 2006).

A Síndrome da Dependência Alcoólica é considerada um transtorno que é desenvolvido ao longo da vida, decorrente de uma interação de fatores biológicos e culturais, que determinam como o indivíduo se relaciona com a substância, onde surgem sintomas de abstinência e a procura pela bebida na busca do alívio destes sintomas mantêm a dependência (GIGLIOTTI e BESSA, 2004).

Gogliotti e Bessa (2004) relatam que a Síndrome da Dependência Alcoólica é composta dos seguintes elementos: estreitamento do repertório, saliência do comportamento de busca do álcool, aumento da tolerância, sintomas repetidos de abstinência (físicos, afetivos e de sensopercepção), alívio dos sintomas pela ingestão do álcool, percepção subjetiva da necessidade de beber, reinstalação à abstinência.

A epidemiologia fornece uma noção de magnitude dessa problemática, por isso tem sido importante na caracterização do abuso de bebidas alcoólicas como um problema de saúde pública (BARBOSA e LIMA, 2005).

No Brasil, estima-se que 11,2% da população sejam dependentes do álcool, o mesmo corresponde a 85% das internações decorrentes do uso de drogas, e 20% das internações em clínica geral (MORAES *et al*, 2006).

As interpretações de dados secundários mostram o alcoolismo como a segunda causa de internação psiquiátrica e também como uma das principais causas de aposentadoria por invalidez; do absenteísmo; dos acidentes de trabalho e de trânsito (CARBENITE, 1982 apud ALMEIDA e COUTINHO, 1993).

O uso de bebidas alcoólicas inicia-se na adolescência, com a influência do grupo de amigos ou mesmo da família, iniciando o abuso do álcool. O conhecimento de fatores associados ao uso de álcool na adolescência é de grande relevância, pois permite intervenções visando a reduzir comportamentos de risco e o possível início de um uso de álcool progressivamente deletério (SOLDERA *et al*, 2004).

FISHMAN (1988) compreende ainda que a existência da indústria de bebida, com suas consequentes estratégias de marketing e publicidade, certamente induz as pessoas ao uso do álcool, pelo menos em festas ou ocasiões especiais. O álcool é enaltecido pela publicidade e encontra-se acessível em qualquer localidade. Isso facilita a adoção dessa droga nos rituais sociais e cria grupos de pressão, principalmente entre jovens.

Em estudantes, o álcool é geralmente a droga mais utilizada, com prevalência significativa; além disso, esse hábito apresenta maior associação com comportamento sexual de risco (SOLDERA 2004). Estudo realizado com vestibulandos mostra que, na concepção dos mesmos, o alcoolismo estaria ligado à fuga de problemas cotidianos, alternativa para lidar com situações negativas de caráter pessoal, em decorrência de pressão social direta ou indireta, alternativa para lidar com situações negativas resultantes de aspectos sociais e econômicos e, principalmente, pelo caráter prazeroso da bebida ou da situação em que é consumida (MAIA *et al*, 2000).

Segundo pesquisas realizadas, os jovens apresentam dependência de álcool mais grave, parecem ser bebedores mais pesados e sofrem mais problemas consequentes do abuso alcoólico no que diz respeito aos aspectos emocionais e de saúde mental, confirmando a teoria de que, quanto maior o volume médio consumido, mais problemas de saúde ocorrem (REHM *et al.*, 2003 apud FONTES *et al* 2003).

A formação do enfermeiro demonstra ainda fragilidade sobre os conhecimentos específicos em relação ao uso de álcool e drogas. Apesar de o tema estar cada vez mais inserido na sua graduação, o aluno considera importante o papel de cuidar desta clientela, mesmo não apresentando total domínio da temática das drogas (LOPES e LUIS, 2005).

Com toda publicidade positiva em relação ao uso do álcool, juntamente com a cultura de beber e a interação dos fatores citados acima, terá o ingresso na Universidade influência na adesão ao alcoolismo por universitários?

Método

O estudo segue como princípio metodológico o método quali-quantitativo. Os métodos quantitativos são débeis em termos de validade interna, ou seja, nem sempre sabemos se medem o que pretendem medir quando relacionamos o que está no íntimo da pessoa, entretanto, são fortes em termos de validade externa: os resultados adquiridos são generalizáveis para o conjunto da comunidade; já o método qualitativo mensura o real significado da vida para a pessoa, sendo de grande valia para demonstrar os sentimentos relatados no íntimo das pessoas. Quando se faz a junção dos dois estudos, significa que o método é perfeito, conseguindo fazer o objetivo ser explicado pelo subjetivo e vice-versa (PERRONE, 1977; NIERO, 1987; CASTRO & BRONFMAN, 1997).

Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa descritiva, realizada no período de agosto a dezembro de 2008, com os Acadêmicos de Enfermagem da Universidade Salgado de Oliveira, Campus Goiânia, maiores de 18 anos.

Foi utilizada a versão em português do Teste de Identificação de Desordens Devido ao Álcool – AUDIT (Quadro II) (MÉNDEZ, 1999). É composto por 10 questões que permitem respostas com pesos pré-estabelecidos de 0 a 4. A somatória dos pesos de cada questão indica a classificação, em níveis de risco, de cada indivíduo frente ao consumo de bebidas alcoólicas sendo que, de 0 a 7 (nível I) indica um beber moderado, de 8 a 15 (nível II)

um padrão de beber de risco, de 16 a 19 (nível III) um beber de alto risco e de 20 a 40 (nível IV) uma possível dependência de álcool (BABOR, 2001).

Para melhor caracterização da amostra, o instrumento foi complementado com questões relacionadas à idade, sexo e a relação do consumo de bebidas alcoólicas com o ingresso na Universidade (Quadro I), sendo distribuído a uma amostra aleatória de acadêmicos do curso de Graduação em Enfermagem do 2º ao 8º período.

A pesquisa foi desenvolvida após aprovação pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Salgado de Oliveira; os sujeitos da pesquisa foram esclarecidos quanto a finalidade e seriedade do projeto, sendo-lhes garantido a confidencialidade das respostas.

Quadro I - Instrumento de avaliação do perfil alcoólico de Universitários

1. Idade:
2. Sexo:
3. Período de curso:
4. Com qual idade iniciou o consumo de álcool?
5. Já ingeria bebidas alcoólicas antes do ingresso na Universidade?
6. Possui colegas que possuem o hábito ou vício de beber?
7. Aumentou o consumo alcoólico após o ingresso na Universidade?
8. Falta aulas para freqüentar bares?

Quaro II - Teste de Identificação de Desordens devido ao Álcool (AUDIT)

1. Com que freqüência o(a) Sr.(a) toma bebidas de álcool?
2. Nas ocasiões em que bebe, quantas doses, copos ou garrafas o(a) Sr.(a) costuma tomar?
3. Com que freqüência o(a) Sr.(a) toma “seis ou mais doses” em uma ocasião?
4. Com que freqüência, durante o último ano, o(a) Sr.(a) achou que não seria capaz de controlar a quantidade de bebida depois de começar?
5. Com que freqüência, durante o último ano, o(a) Sr.(a) não conseguiu cumprir com algum compromisso por causa da bebida?
6. Com que freqüência, durante o último ano, depois de ter bebido muito, o(a) Sr.(a) precisou beber pela manhã para se sentir melhor?
7. Com que freqüência, durante o último ano, o(a) Sr.(a) sentiu culpa ou remorso depois de beber?
8. Com que freqüência, durante o último ano, o(a) Sr.(a) não conseguiu se lembrar do que aconteceu na noite anterior por causa da bebida?
9. Alguma vez na vida o(a) Sr.(a) ou alguma outra pessoa já se machucou, se prejudicou por causa de o Sr.(a) ter bebido?
10. Alguma vez na vida algum parente, amigo, médico ou outro profissional da saúde já se preocupou com o(a) Sr.(a) por causa de bebida ou lhe disse para parar de beber?

Resultados

Foram aplicados 200 questionários e grande parte da amostra (92%) era do sexo feminino. A faixa etária dos 18 aos 45 anos. Todos estudantes do curso de enfermagem da Universidade Salgado de Oliveira, Campus Goiânia, estudantes dos turnos matutino, vespertino e noturno.

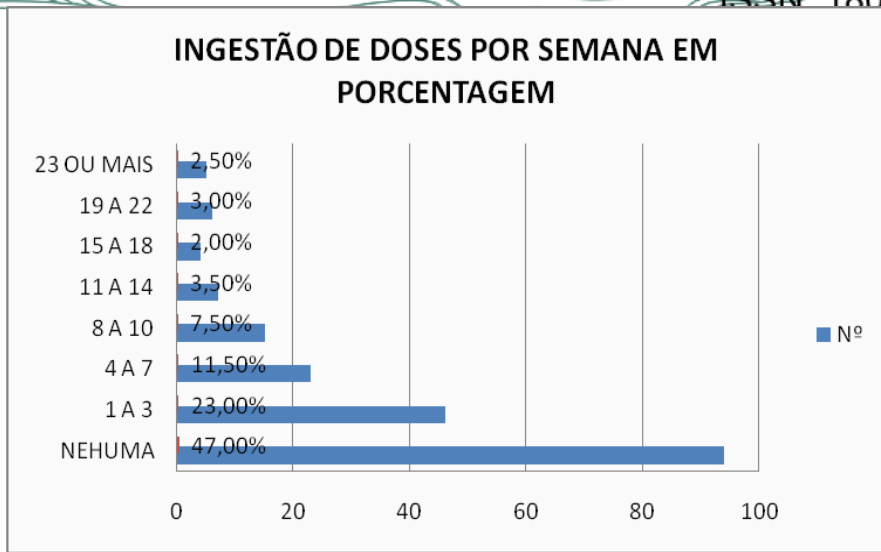
Podemos perceber que a população etilista predominante é inversamente proporcional à idade, ou seja, quanto maior é a idade dos alunos, menor o número de etilistas encontrados.

Quanto ao sexo dos participantes do questionário, 92% responderam ser do sexo feminino e 8% do sexo masculino.

Participaram alunos dos seguintes períodos: 21% do 2º período (43 alunos), 19% do 3º período (38 alunos), 17% do 4º período (33 alunos), 23% do 6º período (46 alunos), 11% do 7º período (22 alunos) e 9% do 8º período (18 alunos).

A maior parte dos que bebem experimentou o consumo de álcool entre 10 e 15 anos (50 %), respectivamente 16 a 20 anos (27%), 21 a 30 anos (14%) e, finalmente, após os 30 anos (9%).

Dos entrevistados, 29% tinham o hábito de beber quando iniciou o curso universitário. Notamos que 59% dos entrevistados têm colegas com o hábito ou vício de beber.



Temos uma sequência de dados referentes ao número de doses ingeridas por semana: 23%(46) bebem de 01 a 03 doses por semana, 11,5%(23 pessoas) bebem de 4 a 7 doses, 7,5%(15 pessoas) de 8 a 10 doses, 3,5%(7 pessoas) bebem de 11 a 14 doses, 2%(4 pessoas) bebem de 15 a 18 doses, 3%(6 pessoas) bebem de 19 a 22 doses e 2,5%(5 pessoas) bebem 23 ou mais doses por semana, totalizando 53% (106 pessoas) dos entrevistados que têm o hábito de beber toda semana.

Dos 200 questionários respondidos, 11,5% (23 pessoas) admitiram sentir falta da bebida. Perguntados a respeito da sensação de abstinência, 2% deles admitiram tê-la, enquanto 18% optaram por não responder à pergunta e 33% disseram não sentir os sintomas de abstinência.

Dos questionados, 36% deles passaram a beber mais durante o curso e 19% responderam faltar aulas para ingerir álcool em bares próximos à universidade.

Discussão

O presente estudo realizou-se em uma amostra representativa dos estudantes do curso de enfermagem da Universidade Salgado de Oliveira, utilizando-se um questionário autoaplicado em sala de aula, que, por garantir o anonimato, constitui-se num adequado procedimento para a obtenção de informações sobre comportamentos privados.

Foi observada uma amostra significativamente maior de pessoas do sexo feminino; isso se dá pelo fato de haverem mais mulheres matriculadas no curso de enfermagem, que é um curso predominantemente feminino.

BALDWIN et al. (1991) encontrou uma alta proporção (cerca de 90%) de alunos de escolas médicas que fizeram uso de álcool, tabaco, maconha e anfetaminas, previamente ao ingresso na universidade. Nossos resultados indicam que boa parte dos estudantes de enfermagem (50%) experimentou o álcool entre 10 e 15 anos de idade, ou seja, antes de entrar na universidade. Dos entrevistados, 29% já tinham o hábito de beber ao iniciarem o curso universitário.

Notamos que a maioria dos entrevistados (59%) tem colegas com o hábito de beber. Dois alunos comentaram que pessoas que bebem e têm colegas que não bebem diminuem o hábito e pessoas que não bebem e possuem amigos que têm o hábito de ingerir bebidas alcoólicas acabam adquirindo o hábito. Sete alunos disseram que quem não bebe, em algum momento, sente-se excluído por não beber e dois alunos colocaram que, ao saírem com pessoas que bebem, acabam experimentando para se sentirem mais aceitos no grupo.

Em relação aos dados sobre a quantidade e frequência de doses ingeridas, pode-se observar o quão alarmante são os números encontrados, visto que mais da metade (53%) dos entrevistados têm o hábito de beber toda semana.

DEITOS et al (1998), em pesquisa quanto ao uso de drogas, verificou que o álcool apareceu como a substância mais consumida, bem à frente do tabaco, que foi o segundo colocado. Outros estudos, tanto no Brasil como em outros países, mostram que o álcool é a droga que é mais amplamente utilizada entre adolescentes (AGUILAR e MARTÍNEZ, 1993).

MESQUITA et al (1995), no seu estudo sobre o álcool e a maconha envolvendo alunos da FMUSP, mostra que estas são as substâncias com maiores índices de aceitação por esses universitários.

Com relação às motivações para o consumo dessas substâncias, ASHTON et al. (1995) encontraram o prazer como fator principal.

Comparando os gráficos 4 e 6, notamos que 29% dos alunos entrevistados ingeriam álcool antes do ingresso universitário, enquanto que, atualmente, 53% ingerem álcool, demonstrando um aumento de 24% no consumo do mesmo entre os entrevistados.

Oito alunos colocaram que a grande maioria dos jovens começa beber após entrar na faculdade.

A presente pesquisa mostra que 19% dos acadêmicos entrevistados faltam aulas para ingerir álcool em bares próximos à universidade. Resultado semelhante foi encontrado por BARRÍA et al (2000) para o uso de tabaco e outras drogas, podendo sugerir algum prejuízo nas atividades acadêmicas por parte dos alunos que utilizaram tais substâncias. Tais prejuízos vão desde faltas à reprovação (TAVARES et al, 2001) e menor dedicação ao estudo fora dos períodos de aula, o que pode ser observado na menor frequência às bibliotecas (ROB et al, 1990).

Ao responderem a última questão, um aluno reconhece ser alcoolista e um aluno admite beber e sair dirigindo. Cinco alunos alertam que os bares nos arredores das universidades deveriam ser proibidos. Três alunos confessam usar outras drogas associadas ao álcool e outros três alunos relatam que existem muito alunos da enfermagem utilizando outras drogas.

Considerações finais

O conhecimento das características dessa população específica e a sua contínua atualização são indispensáveis. Estratégias de prevenção e informação relacionadas ao uso e abuso de álcool devem ser estabelecidas, pois boa parte desses jovens, em um futuro próximo, terá acesso a medicamentos ou desempenharão papel educacional de formação ou má-formação importante dentro da população estudantil e geral.

Direcionar uma política de conscientização e prevenção para os alunos, desde seu ingresso à universidade, parece ser a estratégia mais bem sucedida.

REFERÊNCIAS

AGUILAR HC, MARTÍNEZ MRB. Consumo de alcohol y adolescência. *Revista medica del Instituto Mexicano del Seguro Social*. 31:279-81, 1993.

ALMEIDA, L. M. de; COUTINHO, E. da S. F. Prevalência de consumo de bebidas alcoólicas e de alcoolismo em uma região metropolitana do Brasil. *Revista de Saúde Pública*. v. 27, n.1. São Paulo, 1993.

ASHTON, C.H. & KAMALI, F. _ Personality, lifestyles, alcohol and drug consumption in a sample of British medical students _ *Association for the Study of Medical Education* 29: 187-92, 1995.

BALDWIN JR., D.C.; HUGHES, P.H.; CONARD, S.E.; STORR, C.L. & SHEEHAN, D.V. _ Substance use among senior medical students: a survey of 23 medical schools _ *Journal of the American Medical Association – JAMA*. 265(16): 2074-8, 1991.

BABOR, T. F. et al. **AUDIT – The alcohol use disorders identification test**. 2nd ed. Geneva: World Health Organization, 2001. 40 p.

BARBOSA, B.; LIMA, C. Proposta de Intervenção da Terapia Ocupacional em Mulheres Alcoolistas. *Monografia (Bacharelado em Terapia Ocupacional)*. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 65p, 2005.

BARRÍA ACR, QUEIROZ S, NICASTRI S, ANDRADE AG. Comportamento do universitário da área de biológicas da Universidade de São Paulo, em relação ao uso de drogas. *Revista de Psiquiatria Clínica (São Paulo)*. 27(4):215:24, 2000.

CASTRO, R & BRONFMAN, M.N. Algunos problemas no resueltos en la integración de métodos cualitativos y cuantitativos en la investigación social en salud. **Trabalho apresentado no IV Congresso Latinoamericano de Ciências Sociais e Medicina**, Cocoyoc, México.1997.

DEITOS FT, SANTOS RP, PASQUALOTTO AC, SEGAT FM, GUILLANDE S, BENVEGNÚ LA. Prevalência do consumo de tabaco, álcool e drogas ilícitas em estudantes de uma cidade de médio porte no sul do Brasil. *Informação Psiquiátrica*. 17:11-6, UFRJ. 1998.

FISHMAN, R. O abuso do álcool. In: Claret. *O que você deve saber sobre alcoolismo*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

FONTES, A. FIGLIE, N. B.; LARANJEIRA, R. O comportamento de beber entre dependentes de álcool: estudo de seguimento. *Revista de psiquiatria clínica*_ v.33 n.6 São Paulo, 2006.

GIGLIOTTI, A.; BESSA, M. A. Síndrome da Dependência do Álcool: Critérios diagnósticos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*_ v.26 n.2 São Paulo, mai. 2004.

LOPES, G. T.; LUIS, M. A. V. A formação do enfermeiro e o fenômeno das drogas no estado do Rio de Janeiro - Brasil: atitudes e crenças. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. v.13 n.spe Ribeirão Preto, out. 2005.

MAIA, E.; MARTINS, R. L.; CÉSAR, M. P.; BAIOCO, M.; OLIVEIRA, R. G. O alcoolismo sob a ótica dos candidatos ao vestibular da Ufes. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. v.22 n.2 São Paulo, jun. 2000.

MÉNDEZ, E. B. **Uma versão brasileira do AUDIT**. 1999. 60f Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 1999.

MESQUITA, A.M.C.; BUCARETH, H.A.; CASTEL, S. & ANDRADE, A.G. _ Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: uso de substâncias psicoativas em 1991 _ *Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria; Associação Psiquiátrica da América Latina - ABP-APAL* 17(2): 47-54, 1995.

MORAES, E.; CAMPOS, G. M.; FIGLIE, N. B.; LARANJEIRA, R. Conceitos introdutórios de economia da saúde e o impacto social do abuso de álcool. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. v.28, n.4 São Paulo dez. 2006.

NIERO, M. *Paradigmi e Metodi di Ricerca Sociale: l'Inchiesta, l'Osservazione e il Delphi*. Vicenza, **Nuovo Progetto**. 1987

PERRONE, L. *Metodi Quantitativi della Ricerca Sociale*. **Feltrinelli**, Milão. 1977.

ROB M, REYNOLDS I, FINLAYSON PF. Adolescent marijuana use: risk factors and implications. *The Australian and New Zealand journal of psychiatry*. 24(1):45-56, 1990.

SILVA, T. S. C.; AMARAL, J.R. O Álcool. *Revista Cérebro e mente*. N.8 Campinas, jan/mar1999.

SOLDERA, M.; DALGALARRONDO, P.; FILHO, H. R. C. SILVA, C. A. M. Uso pesado de álcool por estudantes dos ensinos fundamental e médio de escolas centrais e periféricas de Campinas (SP): prevalência e fatores associados. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. v.26 n.3 São Paulo, set. 2004.

TAVARES BF, BERIA JU, LIMA MS. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. *Revista de Saúde Pública*. 35(2):150-8, 2001.